



PROPRIEDADE: AASVR  
EDIÇÃO: DIRECÇÃO DA  
AAASVR  
COORDENAÇÃO  
EDITORIAL: RIBEIRO  
AIRES

AAASVR

# IN ITINERE Nº 9



UASP

## ONTEM, HOJE E AMANHÃ

21 de Maio de 2022

### A NOSSA ASSOCIAÇÃO

Já inúmeras vezes se escreveu e falou sobre a AAASVR, sempre de forma eloquente. Porém, eu vou fazê-lo pela primeira vez. Espero não vos desiludir. Em 3 de Outubro de 1986, 11 ex-alunos do Seminário de Vila Real, tendo constatado que a ideia estava suficientemente amadurecida, dirigiram-se ao Cartório Notarial de Vila Real, tendo aí dado à luz esta mui nobre “criatura”, à qual deram o nome de Associação dos Antigos Alunos do Seminário de Vila Real. Foram eles: António Augusto Saavedra da Costa, António Francisco Dias Vieira, António Joaquim Magalhães Cabral, Ernesto de Andrade Costa, José Joaquim Medeiros de Moura, António Mota Dinis do Vale, Abel J. M. da Silveira Montenegro, António Alves da Silva, Mateus Carlos Teixeira Alves, Manuel Lopes dos Prazeres e José Augusto Macieirinha.



Tão nobre acontecimento foi registado, para memória futura, a fls 106 verso e seguintes do livro de notas para escrituras diversas nº 118-A, do sobredito Cartório.

Desde então, a nossa Associação tem desenvolvido uma atividade regular, sob a batuta dos “maestros” Dias Vieira, Saavedra da Costa, José Augusto Macieirinha, José Manuel Moura, José Branco e António Vale. Todavia, no ano de 2020, um vírus, de nome “corona” que vindo da Ásia (escapou da hermeticamente trancada caixinha chinesa), rapidamente paralisou o mundo. O Homem, dominador, viu-se, desta feita, dominado por um ser tão pequeno quanto invisível. E foi neste contexto que, aos treze de novembro do Ano da Graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 2021, altura em que, o “bicho” distraído ou cansado nos deu alguma largueza, voltámos aos nossos convívios. Quis a Divina Providência que o, aqui, signatário assumisse a presidência da nossa Associação. No dia 7 do mês em que se comemora o Nascimento de Jesus, tomaram posse os Órgãos Sociais para o quadriénio 2021 a 2025.

Cerimónia simples e recatada, aliás como a situação pandémica o exigia, contou com a honrosa presença de Sua Exa. Reverendíssima D. António Augusto de Oliveira Azevedo, Bispo da Diocese, do Vice-Reitor do Seminário, Pe. João Batista Gonçalves Curralejo, do Prefeito e Ecnomo Pe. Hélder Dinarte Sineiro Libório, bem como dos anteriores presidentes e alguns familiares e amigos dos empossados. Na sua sucinta e curta prolação de tomada de posse, o agora presidente, após os habituais agradecimentos, começou por referir que o Seminário não é só um tempo, é também o espaço e o edifício onde, ao longo de gerações se formaram sacerdotes, tendo cinco deles chegado ao Episcopado - D. Aquino (ordenado bispo no Brasil), D. Gilberto Canavarro, D. Amândio Tomás, D. António Marto (hoje cardeal) e D. Manuel Linda e tantos outros jovens que estiveram e ou estão hoje inseridos e comprometidos em projetos de relevante importância na sociedade.

Foi este espaço e neste edifício que, a seu tempo, nos foi dada Educação Disciplina e Saber. Esta casa ensinou-nos a ser homens!

Após ter disponibilizado a Associação para participar nas atividades da Diocese, sempre e quando esta considerasse oportuno, terminou dizendo: *O Seminário somos nós!*

O início de funções foi desde logo marcado por dois acontecimentos muito importantes: - Uma inédita etapa da Igreja, a Consulta Sinodal, e o Centenário da Diocese. De ambos se fala nos textos seguintes deste boletim.

O Grémio Literário Vila-realense quis participar na celebração do Centenário da Diocese, convidando alguns de nós para, cada um a seu modo, refletir sobre este tema. A Tellus nº 76 Revista de cultura trasmontana e duriense publica, na sequência da aceitação do convite textos de A. Dias Vieira, Altino Moreira Cardoso, Joaquim Ribeiro Aires, em nome da AAASVR, e José Dias Batista.

Não quero terminar sem manifestar o meu repúdio pela invasão militar em larga escala contra a Ucrânia, que a Rússia lançou em 24 de fevereiro de 2022.

Saudações seminariadas - Domingos Costa



### UASP— A questão sinodal debatida em Aveiro

A Associação dos Antigos Alunos do Seminário de Vila Real (AAASV) participou, no Seminário Diocesano de Aveiro, na manhã do passado dia 26 de Março, numa reflexão sobre a consulta sinodal, promovida pela União dos Alunos dos Seminários Portugueses (UASP), de quem é associada.

Sob o tema geral “evangelização” as associações presentes foram convidadas a apresentar as suas reflexões a partir dos dez temas sinodais: os companheiros de viagem; ouvir; tomar a palavra; celebrar; corresponsáveis na missão; dialogar na igreja e na sociedade; com as outras confissões cristãs; autoridade e participação; discernir e decidir; formar-se na sinodalidade.

António Mota Dinis do Vale, pela AAASV, falou sobre o primeiro tema, “caminhar juntos”, dividindo-o em vários itens: o fiel leigo; o leigo na igreja; os fiéis ordenados; os fiéis leigos na família, na profissão, nos clubes e nas associações. No início da sua reflexão, colocou a seguinte questão: “qual a missão do fiel leigo na Igreja?” Respondendo à sua própria interrogação, disse que é a do exemplo, a do testemunho de vida: “pelo exemplo que deve começar pela família, pois se não somos capazes de transmitir Cristo aos filhos, a quem o iremos transmitir?” Na sequência desta ideia, disse: “os fiéis leigos situam-se no mundo não só para comunicar, anunciar e proclamar o Evangelho, mas sobretudo para testemunhar com a vida o Evangelho. Numa sociedade de indiferentismo, de consumismo, de subjectivismo, de miséria múltipla, de gente que vive como se Deus não existisse, urge que nós, os fiéis leigos, tomemos consciência da nossa missão.” Não se deve pois esquecer que “os Fiéis Leigos têm um lugar na construção da Igreja. Enquanto comunidade, somos Igreja Comunhão onde cada um tem o seu lugar. Lugar que lhe é devido pela participação em Cristo pelo baptismo. Somos Igreja, assembleia de baptizados, que escuta a Palavra, que celebra os sacramentos com primazia para a Eucaristia, que se anima na construção do Reino de Deus através sobretudo da Caridade.” Este conceito de missão dos batizados, nasceu no Concílio Vaticano II e nem sempre foi compreendido e aplicado pelo próprio clero, tantas vezes a viverem na sua própria concha, como se fossem os únicos proprietários da Igreja, contrariando, agora e tantas vezes, o espírito sinodal lançado pelo Papa Francisco. Evangelizar é mostrar cada um a sua fé. Não são só os leigos que a têm de mostrar, mas também os bispos e os padres o têm de fazer, pois percebe-se que falta preparação ao clero para por em prática o sínodo, que significa “caminhar com”. Como corolário desta reunião ficou a afirmação de que a “Igreja é dos filhos de Deus”.

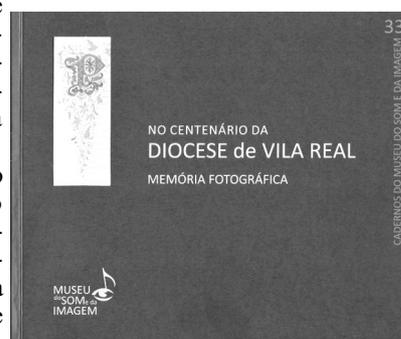


### MUSEU DO SOM E IMAGEM— Exposição: Centenário da criação da diocese

No Museu de Arte e Imagem, no Teatro Municipal de Vila Real, está patente uma mostra de fotografias que celebra alguns dos momentos da vida da diocese nos últimos cem anos. A abertura da exposição teve a presença do Nuncio Apostólico, D. Ivo Scapolo, do Cardeal António Marto, do bispo da diocese de Vila Real, D. António Augusto Azevedo, do presidente da Câmara municipal e muito público.

D. António Augusto Azevedo manifestou, “a sua alegria pela realização desta exposição que retrata muitos momentos religiosos vividos ao longo deste século de que ele foi o primeiro beneficiário pela descoberta da existência de um espólio fotográfico tão valioso.” Mostrou, também, a convicção de que esta é uma pequena mostra e que haverá muito mais material “para muitas temáticas à volta da questão religiosa: tradições, pessoas, eventos” que não se esgotam nesta exposição. Disse estar convencido que pela diocese, em muitas paróquias sejam citadinas ou aldeãs, haverá “imenso espólio pessoal ou institucional que importaria não esquecer. As exposições servem também para isso, para nos ajudar a olhar e a avivar a memória, mas também a valorizar materiais, fundos, documentos que nós próprios podemos ter”. Apelava ao contributo de todos para que “essas coisas não fossem perdidas, porque no futuro podem dar origem a projetos muito interessantes”.

O Presidente da Câmara Municipal, Rui Santos, começou por fazer um elogio ao bispo da diocese: “Que sorte temos, no momento em que comemoramos o centenário da criação da diocese de Vila Real, ter alguém como Vossa Excelência a coordenar, a dirigir esta diocese. A sua mundividência, a sua inteligência, a sua ligação à causa pública, o seu humanismo farão, com certeza, com que este centenário seja devidamente comemorado e que deixe uma impressão digital para que, daqui a cem anos, os que nos vierem suceder, olhem para trás e sintam uma enorme responsabilidade em comemorar o segundo centenário das dioceses de Vila Real. Depois, dizer-vos que cem anos é uma data de referência, mas a vida da diocese está intimamente ligada à vida de todos nós. Durante estes cem anos, passamos por duas guerras mundiais, quando julgávamos que nada de extraordinário aconteceria nas nossas vidas, vivemos uma pandemia, agora vivemos uma guerra na Europa. Partilhamos em conjunto momentos de alegria, momentos de dificuldade, momentos de grande júbilo.”



### Seminário, «coração da diocese»

Ninguém é indiferente ao edifício quando por ele passamos, mesmo se ocupados com os problemas da vida. Este é o tempo de falar desta «casa» com uma dimensão grandiosa na fronteira norte da Avenida de maior nome na cidade, em diálogo com o Palácio de Justiça, edifício dos CTT, Junta de Freguesia, a olhar também de um lado para o Marão e de outro para o Alvão, saudando todas as aldeias que se erguem nas colinas.

A missão da sua construção competia ao futuro prelado, apenas nomeado e empossado em 1923. Seminário havia em Gralhas, Montalegre, dependente de Braga. Pequeno de tamanho, ocupava instalações rústicas e insuficientes para a formação dos sacerdotes que a diocese necessitava.

A construção do Seminário, “*a grande esperança da nova diocese*”, era uma das maiores responsabilidades assumidas por D. João Evangelista de Lima Vidal, mas que dependia também da generosidade dos vila-realenses e de quantos, mesmo não diocesanos, quisessem participar em tão grande “*obra de Deus*” com as suas esmolas.

D. João Evangelista de Lima Vidal, primeiro arcebispo-bispo de Vila Real, a 3 de Novembro de 1923, a propósito da falta de sacerdotes e da necessidade de um Seminário, escrevia:



“Não há nada, que possa afligir tanto o coração de um Pastor como a falta de cooperadores suficientes para a acção que se torne precisa na sua igreja. É como estar a ver e a tocar com os dedos uma chaga mortífera no próprio corpo, e saber que existe remédio capaz de a curar, ou pelo menos de a aliviar, e, todavia, não ter meios de o poder conseguir. É mais do que o suplicio de Tântalo.” A 14 de Janeiro de 1924 afirmava: “Seminário! É este o meu pensamento fixo, a ideia que me não deixa nem de dia nem de noite, e que eu queria que interessasse do mesmo modo todo o Clero e todos os fiéis desta querida Diocese de Vila Real. Tudo que diz respeito a este gravíssimo assunto me alvorça e me toca de uma maneira singularíssima”. Anos mais tarde, num outro contexto dizia: “Uma Diocese sem Seminário é como se fora um corpo sem alma. Nem teria mesmo a aparência de uma máquina que se move com a pouca corda que se lhe dá. (...) O Seminário é o coração da Diocese, onde se formam e educam os sacerdotes que hão-de atender as necessidades espirituais e temporais das paróquias e das almas e acompanhar, com a sua acção e o seu sacrifício, toda a vida moral, todas as aspirações dos pobres peregrinos da vida, dos que vão passando com anseios na terra. Uma paróquia sem o seu pastor assemelha-se, como ouvi dizer uma vez ao santo Padre Cruz, a uma casa apagada.” A 18 de Fevereiro de 1926, depois de algumas peripécias que envolvia o Liceu Nacional de Camilo Castelo Branco, começou a demolição do Convento de Santa Clara. Iniciava-se assim a construção do seminário diocesano que sucederia ao de Gralhas e ao de Poiães (obra de Arcebispo bracarense D. Manuel Vieira de Matos) sob planta do engenheiro de minas, Joaquim Gaudêncio Rodrigues Pacheco. O Seminário Diocesano de Santa Clara teve abertura solene no dia 24 de outubro de 1930, no sétimo aniversário da entrada do Arcebispo-bispo D. João Evangelista. Durante o século XX, foi uma escola de formação completa. Os alunos adquiriam uma robusta cultura geral, mais profunda nas humanidades, aprendiam música e teatro e praticavam desporto, sobretudo desde os anos setenta. Houve alunos deste seminário que foram (ou são) bispos (entre eles um Cardeal), juizes, advogados, notários, conservadores, presidentes de câmara e governadores civis, médicos, arquitetos, militares de carreira professores, escritores, poetas, chefes de repartições públicas, etc. Não fora o Seminário e muitos destes profissionais teriam ficado pelo exame da 4ª classe.

A Câmara Municipal de Vila Real atribuiu-lhe, em 2006, a Medalha de Ouro de Mérito Municipal.

## BULA DA CRIAÇÃO DA DIOCESE DE VILA REAL

**Assembleia Geral**

Presidente - José Augusto Branco (1967/1968)  
Secretário – Valentim Fernandes Santos (1972/1973); Vogal - Luís Pedro Ribeiro Gomes (1984/1985).

**Direcção**

Presidente – Domingos Fernando Vilela Costa (1972/1973)  
Secretário - Joaquim Ribeiro Aires (1960/1961); Tesoureiro - Fernando José Casinhas Capela (1985/1986); Vogais - José Manuel Silva (1962/1963); António Maria Dias Cascais. -(1965/1966)

**Conselho Fiscal**

Presidente - António Mota Dinis do Vale (1955/1956);  
Secretário - António Barreira (1973/1974).  
Relator – Cláudio Jorge Pereira Amaral da Silva (1985/1986).

**SÓCIOS FUNDADORES**

Abel Silveira Montenegro  
António Alves da Silva  
António A. Saavedra Costa  
António Francisco Dias Vieira  
António J. Magalhães Cabral  
António Mota Dinis do Vale  
Ernesto Andrade Costa  
José Augusto Macieirinha  
José Joaquim Medeiros Moura  
Manuel Lopes dos Prazeres  
Mateus Carlos Teixeira Alves

**ADESÃO À UASP**

A Associação dos Antigos Alunos do Seminário de Vila Real aderiu, em Leiria, no dia 17 de Setembro de 2011, à União das Associações dos Seminários Portugueses.

PIO BISPO SERVO DOS SERVOS DE DEUS, Ad perpetuam rei memoriam. O zelo Apostólico dos Nossos Antecessores para salvação das almas empenhou-os sempre em cuidar que a circunscrição eclesiástica do Orbe Católico se adaptasse perfeitamente às condições dos tempos e das circunstâncias. E por isso, como a Arquidiocese Bracarense em Portugal fosse muito extensa e os fiéis do Distrito Civil assim chamado de Trás-os-Montes não pudessem pelas dificuldades de acesso à longínqua sede Episcopal, tratar, sem graves incómodos, dos seus assuntos religiosos, o Actual de Braga pediu instantemente à Sé Apostólica para ser naquele distrito uma Diocese, pelo menos em lugar daqueles que o Nosso Predecessor, O Papa Leão XIII de feliz memória, pelas necessidades dos tempos, suprimiu pelas Letras com selo de Chumbo, «Gravissimum Christi Ecclesiam com data de trinta do mês de Setembro do ano de mil oitocentos e oitenta e um. E como a criação desta nova Diocese tenha parecido facilitar a comodidade dos fiéis e o bem das Almas, outro Nosso Predecessor, o Papa Bento XV, de feliz memória, recebeu a súplica que Lhe foi feita; mas, antes de qualquer decisão mandou ouvir todos os Bispos de Portugal, dum modo especial os Bispos de Bragança e Lamego, a quem o caso mais interessava, pois que algumas paróquias deviam ser separadas das suas Dioceses. Recebidos, portanto, os seus votos e suprido aliás se assim fosse preciso, o consentimento de quaisquer outros que tivessem interesse, ou presumissem tê-lo no caso, Nós, que sucedemos ao Papa Bento XV de feliz memória, tão inopinada e dolorosamente falecido, com o voto consultivo dos Cardeais da Santa Igreja Romana que presidem aos negócios eclesiásticos extraordinários, resolvemos criar do modo seguinte uma nova chamada Vilarealense da Cidade de «Vila Real». Em primeiro lugar decretamos que esta nova Diocese compreenda todo o distrito que toma o seu nome da dita Cidade de Vila Real e fique circunscrita pelos limites do mesmo distrito. A Diocese assim novamente criada atribuímos duzentas e cinquenta e sete paróquias, das quais, cento e sessenta e sete devem ser separadas da Diocese Bracarense, dezanove da de Bragança e setenta e uma da de Lamego, a saber: da Diocese de Braga, o arceprelado, vulgo «Boticas» que tem dezasseis paróquias; «Mondim de Basto» com catorze paróquias; «Montalegre» com trinta e cinco paróquias; «Vila Pouca de Aguiar» com dezasseis paróquias; «Vila Real» com vinte e quatro paróquias, e trinta e quatro paróquias do «Concelho de Chaves», e vinte e cinco paróquias do «Concelho de Valpaços»; - da Diocese de Bragança, onze paróquias do «Concelho de Chaves», e oito do «Concelho de Valpaços»; da Diocese de Lamego, os Concelhos de «Alijó» com dezoito paróquias; «Mesão Frio» com sete paróquias; «Murça» com nove paróquias; «Régua» com dez paróquias; «Sabrosa» com quinze paróquias; «Santa Marta de Penaguião» com dez paróquias, e duas paróquias do Concelho de «Vila Real». A Cidade de «Vila Real» constituímo-la sede e Cátedra Episcopal, com todos os direitos, privilégios e honras, de que gozam todas as outras sedes episcopais de Portugal, e levantamos à dignidade de Catedral a Igreja Paroquial de S. Domingos aí existente, com os direitos, honras, insígnias e privilégios que competem por direito ou por legítimo costume às outras Catedrais. Mandamos ainda que ali se constitua um Capítulo Catedral, com os direitos e privilégios, de que legitimamente usufruem os outros Capítulos de Portugal, observando-se, todavia, as disposições do Direito Comum no que diz respeito à eleição dos Cônegos e Dignidades do Capítulo. Se porém, pelas dificuldades dos tempos, não se puder constituir o Capítulo dos Cônegos, sejam eleitos os Consultores Diocesanos em conformidade com os Cânones quatrocentos e vinte e três e seguintes. No entanto, deixamos à prudência e ao juízo de Executor, abaixo indicado, destas Letras, resolver se, presentemente, mais convém constituir imediatamente o Capítulo da Catedral, se proceder à eleição dos ditos Consultores. Decretamos, além disso, que o dote da nova Diocese seja formado pelo rendimento dos Indultos Apostólicos, que substituíram a antiga Bula da Cruzada, pelos emolumentos da Cúria Episcopal e pelas ofertas espontâneas dos piedosos fiéis, em cuja liberalidade muito confiamos. Igualmente estatuímos que, logo que seja possível, se crie um Seminário Diocesano, segundo as disposições do Código e as regras dadas pela Sagrada Congregação dos Seminários, no qual possam ser instruídos e educados os Ministros do Santuário; entretanto, providencie o Ordinário da melhor maneira que possa com relação aos Aspirantes ao Sacerdócio, mandando-os para os Seminários mais próximos. Finalmente constituímos esta Diocese, novamente criada, sufragânea da Arquidiocese Bracarense, e enquanto ela não for provida de Pastor próprio, confiamos o seu regime ao Venerável Irmão Manuel Vieira de Matos, atual Arcebispo de Braga, como seu administrador apostólico, dando-lhe todas as faculdades e direitos, que competem a este múnus. Queremos e decretamos que estas Letras, com tudo o que nelas se contém, nunca sejam notadas, impugnadas ou convertidas por vício de subreção, ou nulidade, ou falta de intenção Nossa, ou por qualquer defeito mesmo substancial e inadvertido, ainda que aqueles a quem elas interessam, ou que presumem nelas ser interessados, embora dignos de expressa, específica e individual menção, não tenham sido ouvidos, ou a eles não tenham dado o seu assentimento, mas sim que as mesmas Letras, feitas e emanadas de ciência certa e com plenos poderes, sejam sempre válidas, e surtam e obtenham integral e plenamente os seus efeitos, e que por todos a quem compete sejam inviolavelmente cumpridas, e se, contra estas disposições, alguém, por qualquer título, atentar contra elas, cientemente ou por ignorância, que tudo seja inteiramente írrito e nulo. Assentes estas disposições, para a sua inteira execução deputamos o Venerável Irmão Achilles Locatelli, Arcebispo titular de Tessalónica, Núncio Apostólico em Portugal, conferindo-lhe as faculdades necessárias e oportunas, incluindo a de subdelegar, para o efeito de que, se trata, em qualquer sacerdote constituído em dignidade, com a obrigação todavia de remeter à Sagrada Congregação Consistorial, dentro de seis meses a contar da data destas Letras, um exemplar autêntico da execução realizada. Mandamos finalmente que às cópias destas Letras, mesmo impressas, subscritas, contudo, pela mão de algum notário público, e munidas do selo de alguém constituído em dignidade eclesiástica, se preste a mesma fé que seria prestada a estas Nossas Letras se presentes fossem. Não obstante, se for preciso, as regras estabelecidas nos concílios sinodais, provinciais, gerais e universais, ou as constituições e ordenações Apostólicas gerais ou outras quaisquer dos Pontífices Romanos Nossos Predecessores. A ninguém pois é lícito infringir ou contrariar estas Nossas Letras de desmembração, erecção, isenção, decreto, mandato, derrogação e vontade. E se alguém, temerariamente, o tentar, saiba que incorrerá na indignação de Deus Onnipotente e dos Bem-aventurados Pedro e Paulo, seus Apóstolos. Dadas em Roma, em S. Pedro, no ano de mil novecentos e vinte e dois, dia vinte de Abril, primeiro do Nosso Pontificado».